

A TEORIA DO APEGO E A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Dulcilene P. S. Luís¹, Cleyde Anne de A. Sousa², Daniela Castor Antunes³

¹ Ciências da Educação da Ivy Enber University, Brasil.

² Ciências da Educação da Ivy Enber University, Brasil

³ Ciências da Educação da Ivy Enber University, Brasil.

RESUMO:

A infância é um período decisivo no desenvolvimento humano, marcado por intensas transformações cognitivas, emocionais e sociais. Nesse contexto, as interações afetivas estabelecidas nos primeiros anos de vida desempenham papel fundamental na formação da personalidade e na construção de vínculos seguros. No campo da Educação Infantil, esse entendimento ganha contornos ainda mais relevantes quando se trata da inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista. Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo analisar como os princípios da Teoria do Apego podem contribuir para a inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil, considerando as relações afetivas entre educadores e alunos como elemento central no processo educativo. Para tanto, foi utilizada a pesquisa bibliográfica, sendo pesquisados livros, artigos, revistas e periódicos da internet. Conclui-se que, no ambiente escolar, o professor pode assumir o papel de uma base segura, promovendo um espaço de acolhimento e confiança que favorece a aprendizagem e a participação ativa da criança com TEA. Inclusive, uma prática pedagógica fundamentada na teoria do apego, aliada a estratégias de aproximação e ao desenvolvimento de vínculos afetivos consistentes, representa uma via potente para a construção de uma escola mais humanizada, acolhedora e inclusiva.

Palavras-chave: Teoria do Apego. Transtorno do Espectro Autista. Inclusão Escolar. Educação Infantil.

1. INTRODUÇÃO

A infância é um período decisivo no desenvolvimento humano, marcado por intensas transformações cognitivas, emocionais e sociais. Nesse contexto, as interações afetivas estabelecidas nos primeiros anos de vida desempenham papel fundamental na formação da personalidade e na construção de vínculos seguros. A Teoria do Apego, desenvolvida por John Bowlby e aprofundada por Mary Ainsworth, destaca a importância de relações estáveis, sensíveis e responsivas entre a criança e seus cuidadores, as quais servem de base para o desenvolvimento saudável da autonomia, da confiança e da regulação emocional. Essa teoria se mostra especialmente relevante no ambiente educacional, onde professores e demais profissionais da infância desempenham papel substitutivo ou complementar às figuras parentais.

No campo da Educação Infantil, esse entendimento ganha contornos ainda mais relevantes quando se trata da inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O TEA é caracterizado por desafios significativos na comunicação social, comportamentos repetitivos e interesses restritos, exigindo práticas pedagógicas individualizadas e mediadas por vínculos afetivos consistentes. A aplicação dos princípios da Teoria do Apego pode favorecer não apenas o acolhimento dessas crianças, mas também sua permanência, desenvolvimento e

participação ativa no ambiente escolar. Assim, compreender como esses vínculos são construídos entre educadores e crianças com TEA torna-se essencial para pensar em práticas educativas verdadeiramente inclusivas.

Neste contexto, a relevância deste estudo reside na necessidade de aprofundar a articulação entre aspectos emocionais do desenvolvimento infantil e os desafios da inclusão escolar. Embora políticas públicas e legislações brasileiras assegurem o direito à educação inclusiva, o cotidiano das instituições demonstra que a inclusão de crianças com TEA ainda enfrenta barreiras estruturais, pedagógicas e relacionais. A escassez de estudos que abordem a importância do vínculo afetivo no processo inclusivo reforça a necessidade de investigar como a Teoria do Apego pode contribuir para uma abordagem mais sensível e eficaz no atendimento educacional dessas crianças.

A partir dessa realidade, surge a seguinte questão-problema: de que maneira a Teoria do Apego pode contribuir para a inclusão efetiva de crianças com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil? Essa pergunta norteia a investigação ao buscar compreender os efeitos dos vínculos afetivos entre professores e crianças com TEA na qualidade das interações e no processo de aprendizagem, ampliando o olhar para além dos aspectos puramente técnicos da inclusão.

O objetivo geral deste trabalho é analisar como os princípios da Teoria do Apego podem contribuir para a inclusão de crianças com TEA na Educação Infantil, considerando as relações afetivas entre educadores e alunos como elemento central no processo educativo. Para alcançar esse propósito, foram definidos os seguintes objetivos específicos: Compreender os fundamentos teóricos da Teoria do Apego e sua aplicação no contexto educacional; investigar as particularidades do desenvolvimento afetivo e social de crianças com TEA e suas implicações para a prática pedagógica, e; identificar estratégias pedagógicas que favoreçam a construção de vínculos afetivos seguros entre professores e crianças com TEA na Educação Infantil.

2. METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, voltada à análise teórica de obras científicas que discutem a Teoria do Apego, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e os desafios da inclusão escolar na Educação Infantil. De acordo com Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, sendo especialmente adequada para a construção de referenciais teóricos e análise de conceitos.

A seleção do material bibliográfico foi realizada por meio de buscas em bases de dados científicas amplamente reconhecidas, tais como Scielo (Scientific Electronic Library Online) e Google Acadêmico. Foram utilizadas como palavras-chave principais: “Teoria do Apego”, “Transtorno do Espectro Autista”, “Inclusão Escolar” e “Educação Infantil”, tanto isoladamente quanto em combinações entre si, para ampliar a abrangência dos resultados.

O recorte temporal adotado compreende o período de 2010 a 2024, considerando a evolução das discussões sobre inclusão e os avanços nas abordagens contemporâneas da Teoria do Apego aplicadas ao contexto educacional. Contudo, obras clássicas e fundacionais, como as de John Bowlby e Mary Ainsworth, foram incluídas independentemente da data de publicação, por serem essenciais à compreensão do tema.

Os critérios de inclusão envolveram a seleção de artigos e livros que abordassem de forma direta: (1) a aplicação da Teoria do Apego no contexto da infância e da educação; (2) os aspectos afetivo-emocionais do desenvolvimento de crianças com TEA; e (3) práticas pedagógicas inclusivas na Educação Infantil. Foram excluídos materiais que tratassem do TEA de forma exclusivamente biomédica, sem relação com o ambiente escolar, bem como estudos que abordassem outros níveis de ensino que não a Educação Infantil. Também foram descartadas fontes sem respaldo científico ou de caráter opinativo sem fundamentação teórica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A Teoria do Apego e Sua Aplicação no Contexto Educacional

Segundo Vieira (2020), a Teoria do Apego surgiu a partir dos estudos do psiquiatra e psicanalista britânico John Bowlby, que, ao investigar o desenvolvimento emocional infantil, propôs que os vínculos afetivos estabelecidos com figuras cuidadoras nos primeiros anos de vida exercem papel central na formação da personalidade e na saúde mental ao longo da existência. Influenciado por áreas como a etologia, a psicologia evolutiva e a psicanálise, Bowlby rompeu com explicações estritamente psicanalíticas e formulou a ideia de que o apego é um comportamento inato, com função adaptativa, destinado à proteção e à sobrevivência da criança. Dessa forma, o bebê busca proximidade com uma figura de apego — geralmente a mãe ou o cuidador principal — não apenas por necessidade fisiológica, mas para obter segurança emocional diante do ambiente desconhecido.

Complementando os estudos de Bowlby, Souza (2023) cita que, a psicóloga Mary Ainsworth desenvolveu uma série de pesquisas empíricas, especialmente o experimento da *situação estranha*, em que observou o comportamento de crianças pequenas diante da separação e do reencontro com suas mães. Ainsworth identificou diferentes padrões de apego: seguro, evitativo, ambivalente e, mais tarde, com o avanço dos estudos, foi incluído o tipo desorganizado. A criança com apego seguro, por exemplo, demonstra confiança na disponibilidade do cuidador, explora o ambiente e utiliza a figura de apego como base segura. Já nos tipos inseguros, observa-se evasão, resistência ou confusão na relação com o cuidador. Esses padrões são moldados pelas respostas sensíveis, consistentes ou negligentes que a criança recebe ao longo do tempo, e tendem a influenciar seus relacionamentos interpessoais ao longo da vida.

A Teoria do Apego, ao longo das décadas, foi ampliada por diversos pesquisadores e passou a dialogar com contextos educacionais, sociais e clínicos, evidenciando que os vínculos afetivos não se restringem apenas à relação mãe-bebê, mas se manifestam em múltiplos contextos de cuidado e desenvolvimento. Autores contemporâneos como Allan Schore, Daniel Stern e Daniel Siegel reforçaram a importância da neurobiologia e da interação social precoce na formação de circuitos cerebrais associados à autorregulação emocional, empatia e aprendizagem. Esse conjunto de conhecimentos reafirma a necessidade de ambientes humanos sensíveis e responsivos à criança, sendo o espaço escolar um desses lugares potenciais de construção de vínculos seguros (Vieira, 2020).

Portanto, ao compreender os fundamentos da Teoria do Apego, torna-se evidente que o desenvolvimento saudável da criança exige mais do que estímulos cognitivos e pedagógicos; requer, sobretudo, um ambiente afetivo consistente, onde a previsibilidade, a empatia e a presença emocional do adulto possam sustentar a exploração, a comunicação e a autorregulação. Para Freitas (2020), essa compreensão é fundamental para pensar práticas educativas que valorizem o cuidado como parte intrínseca do ato de educar, especialmente na Educação Infantil, fase em que a criança se encontra mais vulnerável e dependente de relações de apego confiáveis.

A primeira infância, de acordo com Souza (2023), que abrange os primeiros seis anos de vida, é um período crítico para o estabelecimento de vínculos afetivos duradouros e estruturantes. Nessa fase, a criança ainda não possui recursos cognitivos e emocionais suficientes para lidar sozinha com situações de medo, frustração ou separação, sendo altamente dependente da responsividade dos adultos ao seu redor. O papel dos cuidadores, portanto, é essencial para fornecer segurança emocional e suporte constante. Quando esse cuidado é prestado de forma previsível, sensível e empática, a criança desenvolve confiança no outro e em si mesma, construindo uma base sólida para o seu desenvolvimento global.

O cuidador primário — que pode ser a mãe, o pai, avós, professores ou outros adultos significativos — assume a função de “base segura”, conceito central na Teoria do Apego. A base segura é aquela que permite à criança explorar o mundo ao seu redor, sabendo que pode retornar ao cuidador em busca de proteção e conforto sempre que necessário. Essa experiência de segurança não apenas favorece o equilíbrio emocional, mas também estimula a curiosidade, a aprendizagem e a formação da identidade. Em contrapartida, quando a criança não encontra essa base segura, pode desenvolver mecanismos de defesa prejudiciais, como retraimento, ansiedade intensa ou dificuldades de socialização (Carvalho, 2023).

Inclusive, Freitas (2020) pontua que, a relação de apego influencia diretamente o desenvolvimento da autorregulação emocional, capacidade essencial para lidar com frustrações, controlar impulsos e desenvolver a empatia. Crianças que recebem respostas consistentes de seus cuidadores tendem a aprender, por modelagem, como nomear e processar emoções. Esse processo favorece o amadurecimento das funções executivas, como atenção, memória e flexibilidade cognitiva, que são fundamentais no processo de aprendizagem escolar. Portanto, as interações afetivas não apenas afetam a saúde emocional, mas também têm impacto direto no desempenho educacional.

Nesse sentido, ao reconhecer a importância do apego na primeira infância, educadores e profissionais da área precisam se preparar para exercer, mesmo que temporariamente, o papel de figuras de apego secundárias. Isso não significa substituir os pais, mas sim compreender que a criança, ao passar grande parte do dia no ambiente escolar, vai transferir parte de sua expectativa de proteção e afeto para os professores e cuidadores. Assim, o modo como esses adultos se relacionam com a criança — escutando, acolhendo, respondendo com atenção — influencia diretamente sua experiência escolar, sua capacidade de se adaptar e de estabelecer relações com os colegas (Adorian *et al.* 2024).

Segundo Carvalho (2023), a entrada da criança na escola representa uma transição importante e, muitas vezes, desafiadora, que envolve a separação do ambiente familiar e a inserção em um novo espaço social. Para que essa transição ocorra de maneira saudável, é fundamental que a escola ofereça um ambiente acolhedor, onde os vínculos afetivos possam ser estabelecidos e fortalecidos. Nesse contexto, o educador assume um papel de referência emocional, sendo muitas vezes a principal figura de segurança no ambiente escolar. A presença de vínculos afetivos positivos entre professores e alunos é um fator decisivo para o bem-estar emocional da criança, sua adaptação escolar e seu engajamento nas atividades pedagógicas.

A Teoria do Apego oferece uma lente valiosa para compreender a importância dessas relações na Educação Infantil. Adorian *et al.* (2024) citam que, quando os professores são afetivamente disponíveis e responsivos às necessidades das crianças, promovem um ambiente que favorece a aprendizagem, a autonomia e o desenvolvimento social. Crianças que se sentem emocionalmente seguras em sala de aula tendem a explorar mais, interagir com os colegas e se envolver de forma mais ativa nas atividades propostas. O oposto também é verdadeiro: a ausência de vínculos afetivos ou a presença de relações instáveis pode gerar sentimento de insegurança, medo e desmotivação, comprometendo o aproveitamento escolar.

É preciso destacar que, o vínculo afetivo entre professor e aluno contribui para a construção de um clima emocional positivo na sala de aula, marcado pela empatia, pelo respeito e pela valorização das individualidades. Esse tipo de ambiente não apenas favorece a inclusão de crianças com desenvolvimento típico, mas é especialmente importante para aquelas que apresentam desafios no campo da comunicação e da socialização, como as crianças com TEA. Para esses alunos, a previsibilidade, a constância e a qualidade do vínculo com o educador são elementos-chave para sua permanência e participação no contexto escolar (Freitas, 2020).

Portanto, considerar a afetividade como dimensão central da prática pedagógica não é apenas uma escolha ética ou filosófica, mas uma exigência fundamentada em evidências do desenvolvimento humano. Segundo Souza (2023), a Teoria do Apego contribui para que os educadores compreendam que ensinar não é apenas transmitir conteúdos, mas envolver-se em uma relação de cuidado, presença e reconhecimento mútuo. Essa concepção amplia a visão sobre o papel da escola, reposicionando o educador como agente fundamental na formação emocional das crianças e na promoção de contextos verdadeiramente inclusivos e humanizadores.

3.2 O Transtorno do Espectro Autista e o Desenvolvimento Socioemocional na Infância

Segundo Vidal *et al.* (2025), o TEA é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por alterações qualitativas na comunicação, na interação social e por padrões restritivos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Segundo o DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição), o TEA apresenta uma ampla variabilidade de manifestações clínicas, o que justifica o uso do termo “espectro”. Essa variabilidade envolve desde crianças com comprometimentos significativos da linguagem e da cognição até aquelas com altas habilidades intelectuais, mas que ainda assim apresentam dificuldades expressivas nas relações sociais. O diagnóstico geralmente é feito nos primeiros anos de vida, embora os sinais

possam se manifestar desde o primeiro ano, especialmente em áreas como o contato visual, a reciprocidade emocional e o uso da linguagem social.

As características do TEA não são homogêneas e variam em intensidade, o que torna a compreensão e o acolhimento dessas crianças um desafio importante para as famílias, profissionais da saúde e educadores. Algumas crianças demonstram forte apego à rotina e resistência à mudança, outras têm comportamentos sensoriais atípicos, como hipersensibilidade a sons, cheiros ou texturas. A comunicação verbal pode estar ausente, limitada ou apresentar um uso peculiar da linguagem, com ecolalias ou inversões pronominais. Já no campo da interação social, é comum que a criança com TEA apresente dificuldades para iniciar ou manter conversas, interpretar expressões faciais e compreender regras sociais implícitas, o que frequentemente impacta sua participação em contextos escolares e sociais (Amaral e Ferreira, 2022).

É importante ressaltar que, apesar dessas dificuldades, as crianças com TEA possuem potencial para o desenvolvimento, desde que inseridas em ambientes estruturados, afetivamente seguros e com intervenções adequadas. Para Vidal *et al.* (2025), a plasticidade cerebral nos primeiros anos de vida permite avanços significativos, especialmente quando há diagnóstico precoce, atendimento interdisciplinar e a adoção de práticas pedagógicas inclusivas. Nesse sentido, o papel da escola torna-se estratégico não apenas na promoção da aprendizagem acadêmica, mas também no apoio ao desenvolvimento socioemocional e na construção de experiências sociais significativas, o que reforça a importância de se compreender a relação entre o TEA e os aspectos afetivos da infância.

O desenvolvimento socioemocional de crianças com TEA é marcado por desafios específicos, uma vez que as competências emocionais e sociais estão justamente entre as áreas mais afetadas pela condição. Diferentemente de crianças com desenvolvimento típico, que aprendem a regular suas emoções e interpretar sinais sociais de maneira espontânea, as crianças com TEA frequentemente necessitam de mediação direta e explícita para compreender e participar das interações sociais. A dificuldade em reconhecer e expressar emoções, tanto as próprias quanto as alheias, compromete não apenas os vínculos interpessoais, mas também a inserção em grupos e a aprendizagem colaborativa. É nesse ponto que a teoria do apego e o olhar atento da escola se tornam fundamentais (Oliveira e Nascimento, 2021).

Ainda que as crianças com TEA possam demonstrar afeto e estabelecer laços, Amaral e Ferreira (2022) citam que, essas relações muitas vezes se constroem de forma diferente do que se espera convencionalmente. A busca por proximidade, o conforto no contato físico e a leitura das emoções do outro nem sempre ocorrem da mesma maneira, o que pode ser erroneamente interpretado como desinteresse ou frieza afetiva. No entanto, diversos estudos indicam que essas crianças desejam conexão, mas enfrentam barreiras neurológicas e cognitivas para expressar e sustentar essa proximidade. Portanto, mais do que forçar um padrão típico de relacionamento, é preciso construir uma escuta empática e respeitosa, que reconheça a singularidade do vínculo afetivo para cada criança.

Nesse contexto, Lopes (2022) pontua que, os profissionais da educação que atuam na Educação Infantil desempenham papel essencial como facilitadores do desenvolvimento socioemocional das crianças com TEA. O estabelecimento de rotinas previsíveis, a mediação de conflitos, o incentivo à interação entre os pares e o acolhimento das emoções são práticas que promovem segurança e pertencimento. Além disso, a construção de vínculos com os educadores pode funcionar como uma extensão da figura de apego, oferecendo à criança uma base segura para explorar o ambiente e desenvolver habilidades emocionais de forma gradual e protegida. Isso reforça a importância de que esses profissionais sejam não apenas capacitados tecnicamente, mas também emocionalmente disponíveis.

O ambiente escolar deve ser compreendido, portanto, ainda segundo Lopes (2022), como um espaço de desenvolvimento integral, onde o aprendizado de conteúdos formais deve caminhar lado a lado com o desenvolvimento da empatia, da cooperação e da autorregulação. A teoria do apego oferece um suporte teórico relevante para essa perspectiva, ao reconhecer que o afeto e a segurança emocional são condições necessárias para que qualquer criança, especialmente aquela com TEA, possa aprender de forma plena. A criação de vínculos afetivos estáveis no espaço educativo permite que essas crianças enfrentem menos ansiedade, se comuniquem com mais confiança e se desenvolvam em todas as dimensões — emocional, cognitiva e social.

A inclusão escolar de crianças com TEA na Educação Infantil representa um avanço nas políticas públicas brasileiras conforme pontuam Souza e Araujo (2024), especialmente após a promulgação da Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Contudo, na prática cotidiana, a implementação da inclusão enfrenta inúmeros desafios estruturais, pedagógicos e relacionais. Muitas escolas ainda não possuem recursos materiais e humanos suficientes para atender adequadamente às demandas específicas dessas crianças. Faltam professores especializados, formação continuada, apoio técnico interdisciplinar e adaptações curriculares que respeitem o ritmo e as particularidades de cada aluno. Essa carência frequentemente resulta em uma inclusão formal, mas não efetiva.

Outro obstáculo relevante para Lopes (2022), está relacionado à preparação emocional e pedagógica dos educadores. Apesar dos avanços legais, muitos professores ainda se sentem inseguros ou despreparados para lidar com as especificidades do TEA em sala de aula. A ausência de formação específica sobre o transtorno, aliada à sobrecarga de trabalho, pode gerar frustração e até resistência por parte dos profissionais. Essa situação compromete a qualidade da experiência escolar da criança com TEA, que muitas vezes encontra um ambiente pouco responsivo, com interações empobrecidas e expectativas desalinhadas com suas reais possibilidades de desenvolvimento. A inclusão, nesses casos, corre o risco de se tornar excludente em sua própria proposta.

Além disso, há um desafio cultural a ser enfrentado: a construção de uma mentalidade inclusiva que valorize a diversidade como riqueza e não como obstáculo. Isso exige um processo contínuo de sensibilização da comunidade escolar, envolvendo direção, professores, funcionários, famílias e os próprios alunos. A promoção de uma cultura escolar que acolha a diferença e se comprometa com a equidade precisa ser sustentada por práticas concretas de escuta, empatia, colaboração e corresponsabilidade. Nessa perspectiva, a afetividade deixa de ser apenas um valor abstrato e passa a ser um elemento estruturante da ação educativa inclusiva (Souza e Araújo, 2024).

Superar os desafios da inclusão de crianças com TEA requer, portanto, um olhar sensível e integral, que una políticas públicas eficazes, formação de professores, apoio técnico especializado e uma base teórica que reconheça a importância dos vínculos afetivos no processo educativo. Para Amaral e Ferreira (2022), a Teoria do Apego contribui de forma significativa ao reforçar que crianças que se sentem seguras emocionalmente estão mais abertas ao aprendizado, à socialização e ao enfrentamento de desafios. Assim, promover uma inclusão escolar de qualidade envolve mais do que garantir acesso físico à escola; implica criar condições reais de pertencimento, reconhecimento e desenvolvimento para cada criança, em sua singularidade.

3.3 Estratégias de Construção de Vínculos e Práticas Pedagógicas Inclusivas

De acordo com Nunes (2021), a construção de vínculos afetivos sólidos entre educadores e crianças é um dos pilares fundamentais para a efetivação de uma educação verdadeiramente inclusiva, sobretudo na Educação Infantil, etapa em que os aspectos emocionais e sociais do desenvolvimento se manifestam com maior intensidade. A Teoria do Apego, formulada por John Bowlby, demonstra que a qualidade do vínculo estabelecido entre a criança e suas figuras de apego influencia diretamente sua capacidade de explorar o ambiente, lidar com frustrações e desenvolver relações interpessoais. Ao transpor esse conceito para o contexto escolar, compreende-se que o professor pode ocupar uma função de base segura, sendo alguém em quem a criança confia e que serve como ponto de referência emocional no ambiente coletivo. Para crianças com TEA, essa relação torna-se ainda mais significativa, dada a dificuldade natural em interpretar e expressar emoções, o que torna a previsibilidade, a estabilidade e a responsividade emocional do adulto fatores centrais na experiência educativa.

O educador que estabelece vínculos afetivos com seus alunos atua não apenas como mediador do conhecimento, mas também como facilitador do desenvolvimento socioemocional, promovendo um espaço em que a criança se sente valorizada, compreendida e respeitada em sua individualidade. Em especial no caso das crianças com TEA, que enfrentam desafios expressivos na interação social e na comunicação, esse vínculo atua como um catalisador para a aproximação com o grupo, a ampliação da linguagem e o engajamento nas atividades pedagógicas. A afetividade se converte, assim, em um instrumento pedagógico poderoso, capaz de

ampliar os horizontes de aprendizagem e promover a inclusão não apenas formal, mas substancial (Magalhães, 2017).

É importante destacar que a construção desses vínculos demanda intencionalidade e sensibilidade por parte dos educadores. Para Nunes (2021), estar emocionalmente disponível, reconhecer as expressões não-verbais da criança, respeitar seu tempo de adaptação e responder de forma coerente às suas necessidades são atitudes que reforçam o sentimento de segurança e pertencimento. O vínculo não se impõe, mas se constrói gradualmente por meio de interações constantes, consistentes e respeitosas. Nesse processo, a empatia do professor se torna um elemento-chave, pois é ela que permite a leitura das necessidades emocionais da criança, mesmo quando estas não são verbalizadas de forma clara.

O ambiente educacional, por sua vez, precisa ser organizado de forma a favorecer a formação desses laços, com rotinas claras, espaços acolhedores, materiais acessíveis e um clima de respeito mútuo. A presença afetiva do educador, somada a uma estrutura que favoreça a previsibilidade e a estabilidade, constitui o cenário ideal para que a criança com TEA possa se sentir segura e, a partir disso, se abrir para as experiências de socialização e aprendizado. Dessa forma, a importância do vínculo afetivo na prática pedagógica não pode ser reduzida a um fator secundário; trata-se de um eixo estruturante da educação inclusiva na primeira infância (Santos e Lyra, 2016).

Para que o vínculo afetivo se concretize de maneira significativa, Nunes (2021) cita que é necessário que o educador adote estratégias intencionais de aproximação e construção de confiança com a criança. No caso das crianças com TEA, essa construção requer um cuidado ainda mais refinado, pois muitas vezes os sinais tradicionais de acolhimento — como o contato físico ou a conversa direta — podem ser percebidos como invasivos. Assim, é preciso respeitar o tempo e o modo da criança de se abrir ao outro, buscando formas alternativas e personalizadas de interação. Atitudes como sentar-se ao lado da criança durante uma brincadeira, seguir seus interesses sem imposição, usar uma linguagem acessível e validar suas emoções são formas eficazes de iniciar esse processo.

A consistência na atuação do educador é outro elemento fundamental conforme aponta Feitoza (2024). Crianças com TEA tendem a se sentir mais seguras em ambientes previsíveis e com adultos cujas reações são coerentes. Mudanças abruptas de conduta, tons de voz imprevisíveis ou atitudes contraditórias podem gerar desconfiança e retraimento. Por isso, manter uma postura calma, atenta e respeitosa em todas as interações contribui para fortalecer a confiança da criança no educador. Essa segurança emocional, uma vez consolidada, permite que a criança se arrisque mais, tanto nas interações com os pares quanto nas propostas pedagógicas.

Outra estratégia relevante para Vasconcelos (2020), é a utilização de recursos visuais e materiais estruturados, que ajudam a mediar a comunicação e a reduzir a ansiedade diante do desconhecido. Rotinas ilustradas, cartões com emoções, cronogramas visuais e objetos transicionais são ferramentas que favorecem a autonomia da criança e tornam o ambiente mais compreensível. Quando a criança percebe que suas necessidades estão sendo atendidas e que há uma lógica acessível nas atividades escolares, ela tende a se engajar com mais confiança e a se vincular afetivamente com o adulto que proporciona essa segurança.

O envolvimento da família nesse processo também é essencial segundo Nunes (2021). A construção de um vínculo de confiança com a criança deve ser reforçada por uma parceria colaborativa com os responsáveis, de modo que haja continuidade entre os contextos familiar e escolar. Compartilhar informações, ouvir atentamente os familiares e valorizar seus saberes são atitudes que não apenas fortalecem o trabalho do educador, mas também promovem uma experiência de inclusão mais coesa e humanizada. Assim, a confiança, tanto da criança quanto da família, torna-se o alicerce de uma prática pedagógica pautada no respeito, na sensibilidade e na construção conjunta do desenvolvimento.

A inclusão efetiva da criança com TEA na Educação Infantil não se resume à sua presença física em sala de aula, mas envolve a criação de condições reais para seu desenvolvimento integral. Nesse sentido, as práticas pedagógicas devem estar profundamente entrelaçadas com os princípios da Teoria do Apego, incorporando a afetividade e a responsividade como bases estruturantes do planejamento e da ação docente. As atividades propostas devem respeitar o ritmo individual da criança, considerando suas especificidades sensoriais, comunicativas e emocionais, ao mesmo tempo em que promovem oportunidades de interação social e

aprendizagem significativa. A mediação do professor, nesse contexto, assume um caráter de cuidador pedagógico, que orienta, protege e encoraja o aluno a explorar o ambiente com segurança (Santos e Lyra, 2016). Ainda de acordo com Santos e Lyra (2016). Dentre as práticas pedagógicas que se destacam, estão as que utilizam o brincar como linguagem central da criança e como meio de construção de vínculos. O brincar compartilhado, mediado por um adulto sensível às expressões da criança, torna-se uma poderosa ferramenta de aproximação e inclusão. Além disso, atividades que envolvam expressão corporal, música, artes visuais e histórias contribuem para a ampliação da comunicação e para o fortalecimento do vínculo afetivo, já que permitem que a criança se expresse de forma não verbal, muitas vezes mais confortável e acessível para ela. Nessa dinâmica, o professor age como facilitador e observador atento, ajustando suas intervenções de acordo com as reações e os interesses da criança.

Por fim, práticas inclusivas mediadas pelo apego exigem do educador um compromisso ético com a escuta, o acolhimento e o reconhecimento da criança em sua totalidade. Isso significa enxergar além do diagnóstico, valorizando a pessoa em suas múltiplas dimensões e potencialidades. Ao promover uma relação pautada na confiança e na segurança afetiva, o educador não apenas ensina, mas também transforma o cotidiano escolar em um espaço de vínculo, respeito e desenvolvimento. A inclusão, nesse cenário, deixa de ser um ideal abstrato e se concretiza na delicadeza das interações diárias, no olhar atento e na presença afetiva que sustenta, encoraja e dá sentido ao processo educativo (Nunes, 2021).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou compreender, à luz da Teoria do Apego, as possibilidades de promoção de uma educação infantil verdadeiramente inclusiva para crianças com TEA. A partir da análise dos fundamentos da teoria formulada por John Bowlby e seus desdobramentos no contexto educacional, foi possível constatar que o vínculo afetivo entre educador e criança é um elemento central no desenvolvimento emocional e social, especialmente nos primeiros anos de vida. No ambiente escolar, o professor pode assumir o papel de uma base segura, promovendo um espaço de acolhimento e confiança que favorece a aprendizagem e a participação ativa da criança com TEA.

A abordagem teórica também permitiu reconhecer a importância do cuidado responsivo, da previsibilidade nas relações e da consistência emocional por parte dos educadores como fatores que contribuem diretamente para o bem-estar e o engajamento dos alunos autistas. Observou-se que crianças com TEA, frequentemente marcadas por dificuldades na comunicação social, apresentam melhores níveis de adaptação e interação quando inseridas em ambientes que priorizam vínculos afetivos sólidos, rotinas estruturadas e práticas pedagógicas sensíveis às suas necessidades. Dessa forma, o vínculo afetivo atua como mediador entre as limitações individuais e as possibilidades de participação no coletivo.

Inclusive, a análise dos desafios da inclusão escolar evidenciou que, embora haja avanços legais e pedagógicos no sentido de garantir o direito à educação para todos, ainda existem barreiras significativas, como a formação insuficiente de profissionais, a falta de recursos e o desconhecimento das especificidades do TEA. Nesse cenário, a Teoria do Apego oferece um importante aporte conceitual, pois orienta o olhar do educador para aspectos subjetivos e relacionais que muitas vezes são negligenciados nos modelos tradicionais de ensino. A construção de um vínculo afetivo positivo, portanto, não é um adereço ao processo educacional, mas um requisito básico para a efetivação da inclusão.

Conclui-se, assim, que uma prática pedagógica fundamentada na teoria do apego, aliada a estratégias de aproximação e ao desenvolvimento de vínculos afetivos consistentes, representa uma via potente para a construção de uma escola mais humanizada, acolhedora e inclusiva. Os objetivos propostos nesta pesquisa foram plenamente atendidos ao evidenciar que a afetividade, a confiança e o respeito às singularidades das crianças com TEA são condições essenciais para sua inclusão na educação infantil. Cabe aos educadores, às instituições e às políticas públicas o compromisso contínuo com a formação, a sensibilidade e a criação de ambientes que favoreçam o desenvolvimento integral de todas as crianças, independentemente de suas condições neurológicas ou sociais.

5. REFERÊNCIAS

1. Adorian, R. T. L., Moura, A. C. P., Konzen, M. S., et al. (2024). Teoria do apego: influência no desenvolvimento infantil e seus reflexos na vida adulta. *Revista Cathedral*, 6(2).
2. Amaral, M. E., & Ferreira, R. L. (2022). Estratégias pedagógicas para promover o desenvolvimento socioemocional de crianças com TEA. *Revista Educação e Inclusão*, 10(2), 145–160.
3. Carvalho, A. C. (2023). Teoria do apego e a afetividade como ferramenta no processo ensino e aprendizagem. *Anais do VI Congresso de Educação – Conedu*, Maceió, AL, Brasil.
4. Feitoza, M. A. (2024). *Práticas pedagógicas para crianças com transtorno do espectro autista (TEA): uma revisão de literatura* (Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Alagoas). Universidade Federal de Alagoas.
5. Freitas, N. F. (2020). *A teoria do apego na creche: um olhar para o papel dos vínculos no desenvolvimento de bebês e crianças pequenas* (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Presidente Prudente, SP, Brasil.
6. Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6ª ed.). São Paulo: Atlas.
7. Lopes, D. A. (2022). Inclusão de crianças com transtorno do espectro autista: Revisão sistemática da literatura. *Revista Psicopedagogia*, 39(120),
8. Magalhães, C. J. S., Moraes, C. S., Cruz, J. G. M., et al. (2017). Práticas inclusivas de alunos com TEA: principais dificuldades na voz do professor e mediador. *Revista on line de Política e Gestão Educacional*, 21(Esp.2), 1031–1047.
9. Nunes, S. G. da S. (2021). *A teoria do apego e suas possíveis contribuições para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na educação infantil* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pampa). Universidade Federal do Pampa.
10. Oliveira, L. M., & Nascimento, A. P. (2021). Desenvolvimento socioemocional de alunos com TEA: Perspectivas de professores e pais. *Revista Psicologia em Estudo*, 28(1), 1–15.
11. Santos, V. N. F., & Lyra, P. V. (2016). Uma análise sobre a relação de apego de uma criança com TEA na educação infantil. *Anais do II Congresso Internacional de Educação Inclusiva (II CINTEDI)*, São Paulo.
12. Souza, N. S., & Araujo, F. R. D. (2024). Inclusão da criança com transtorno do espectro autista na educação: Desafios e possibilidades. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 10(6).
13. Souza, P. M. C. de. (2023). Contribuições da teoria do apego na educação. *Revista Primeira Evolução*, 1(37), 119–127.
14. Vasconcelos, S. P. (2020). Transtorno do Espectro Autista e Práticas Educativas na Educação Profissional. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 26(4), 529–546.
15. Vidal, A. R. de O., Carvalho, A. C. de A., & Albrecht, B. N. (2025). Desenvolvimento socioemocional de crianças com TEA na escola. *Revista Foco*, 18(2).
16. Vieira, F. C. (2020). A importância do apego nos anos iniciais de vida: uma breve visão à luz da teoria de John Bowlby e de Winnicott. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, 5(7), 128–135.

INFO

Corresponding Author: **Maria Dulcilene P. S. Luís**, Ciências da Educação da Ivy Enber University, Brasil.

How to cite/reference this article: **Maria Dulcilene P. S. Luís, Cleyde Anne de A. Sousa, Daniela Castor Antunes**, A TEORIA DO APEGO E A INCLUSÃO DA CRIANÇA COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, *Asian. Jour. Social. Scie. Mgmt. Tech.* 2025; 7(3): 379-387.